Relatos de campo em batalhas de poesia: Dinâmicas de lugar e o *slam* que (não) aconteceu

Field reports in poetry battles: Dynamics of place and the slam that (did not) happen

Danielle M. H. L. da Gama

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8047>

DOI: 10.4000/pontourbe.8047

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Danielle M. H. L. da Gama, « Relatos de campo em batalhas de poesia: Dinâmicas de lugar e o *slam* que (não) aconteceu », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8047> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8047>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Relatos de campo em batalhas de poesia: Dinâmicas de lugar e o *slam* que (não) aconteceu

Field reports in poetry battles: Dynamics of place and the slam that (did not) happen

Danielle M. H. L. da Gama

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 24/04/2020

Aceitação / Accepted 18/06/2020

“Começa aqui. A forma do espaço moldará a audiência, o clima do espaço dará sua ambiência [...]. Espaços trazem seus tamanhos, vibração e história” (Holman in Glazner 2000: 1).

Introdução

- 1 Durante o mestrado em Ciências Sociais, acompanhei *slams* de poesia na cidade de Salvador, Bahia. *Slams*, de forma sucinta, são batalhas de poesia autoral em que, dentro de 3 minutos, poetas (*slammers*) performam seus textos para serem julgados por jurados escolhidos pelos organizadores dentre a plateia. Os poetas devem apresentar-se usando apenas corpo e voz, sem acompanhamento musical ou adereços.
- 2 Estas competições iniciaram-se nos Estados Unidos, em 1986, e o formato se espalhou por todo o mundo. No Brasil, que teve seu primeiro *slam* promovido em 2008, os eventos têm acontecido em locais públicos em geral em regiões periféricas das cidades, constituindo espaços de sociabilidade em que se busca, através da poesia e da interação

entre artista e plateia, o desvelamento de questões sociais. Em Salvador, as temáticas mais frequentes nas batalhas se referem às vivências de opressão de comunidades periféricas, de maioria negra, da capital.

- 3 Estudando os *slams* pelo ponto de vista dos Estudos de Performance, busquei compreender as batalhas como eventos ritualizados, nos quais a enunciação de discursos, presenças, atos e gestos representam “dramas sociais” (Turner 2008). Nas batalhas, experiências e lutas reais são representadas e revividas por artistas e público, promovendo debates e ressignificações de questões importantes para o grupo.
- 4 Como um ritual que “dramatiza” a vida, tudo na performance é significativo: a atuação do *slammer*, do organizador (*slammaster*), a resposta do público, o entorno (o lugar onde acontece a batalha: o espaço da performance, a rua, o bairro, as gentes). Roberta Estrela D’Alva, poeta e pesquisadora responsável por ter trazido o *slam* para o Brasil, frisa: “*slam* é performance, tudo influencia. A música que toca, se chover e o poeta mais forte não conseguir chegar...” (comunicação oral).¹
- 5 Além disso, a performance se liga “a vários eventos de fala que a precedem e sucedem” (Bauman et Briggs 2006: 189). Foi necessário, então, um olhar que observasse não só o momento do enfrentamento dos poetas, mas os contextos nos quais a batalha se insere. E no *slam*, que ocorre e fala “sobre” a cidade, também ela se torna parte da performance, o que me levou à urgência de compreender esta que é, nas batalhas, sua cena e cenário. Passei a ir e vir de lugares buscando compreender as dinâmicas de que o *slam* me falava, identificando mapas além dos palcos dos *slams*, que com eles dialogavam. Foram estas incursões meus modos de “ler”, nos termos de Geertz (2008), os *slams* em Salvador.
- 6 Este relato trata de uma destas incursões, em que fui assistir à batalha do Slam das Mulé, em Camaçari, região metropolitana de Salvador, em agosto de 2018, segundo ano de pesquisa. A visita não estava prevista, pois Camaçari estava fora do corpus de análise. Ademais, a batalha acabou não acontecendo, por falta de inscritas. A visita, no entanto, possibilitou reflexões importantes para pensar o *slam*, em especial na questão de seus espaços e contingências, e compôs a última seção de minha dissertação. Neste relato, explico brevemente o percurso que me levou a Camaçari e narro os eventos que contribuíram de forma essencial para a pesquisa, apesar ou por causa do “não acontecimento” da batalha.

Relato

- 7 Durante a pesquisa acompanhei com mais profundidade o Slam da Onça, em Novo Horizonte/Sussuarana, bairro periférico de Salvador, frequentando-o e ali entrevistando e travando contato com participantes e organizadores. Algo que sempre me intrigava quando ia aos eventos era o fato de acontecerem em um ambiente fechado, cujo acesso, embora franco, era de conhecimento relativamente restrito: o anfiteatro onde os *slams* ocorrem fica em um prédio de andares baixo e nele entra-se pelo portão de uma garagem. Dali se percorre um corredor que leva ao salão. O organizador me explicou, quando perguntei a respeito, que a configuração tinha vantagens, entre elas a existência de um lugar em que os eventos podiam acontecer mesmo com chuva e sem as interrupções e barulhos vindos do trânsito ou outras atividades. Mas concordava que seria interessante que o *slam* pudesse acontecer em um espaço aberto. Até então, eu considerava que um *slam* que acontece na rua, praça,

mesmo em um bar aberto, permite que qualquer pessoa que esteja passando por ali pare, observe, participe.

- 8 Nos EUA, é comum *slams* acontecerem em locais fechados, muitas vezes com cobrança de ingresso. Mas este não é o caso, em geral, dos *slams* no Brasil, eventos que se inspiram e provêm dos saraus de periferias, popularizados a partir dos anos 2000 em especial na cidade de São Paulo, em que a intenção é incluir as comunidades em torno deste acontecimento público. Quanto a isso, o poeta Kuma França, que havia sido campeão do circuito de *slams* da Bahia no ano de 2017, e que entrevistei no ano seguinte, apontou:

[...] lá, o *slam* é pago, cobra-se ingresso, é feito em bar, e é a alta sociedade que paga pra estar no *slam*. Aqui é totalmente diferente, os *slams* são abertos, saraus são abertos, se você for cobrar entrada eu acho que ‘cê vai tomar um murro... na cara. Né? (e riu). (Trecho de entrevista – 18/11/2018). (Gama 2019:204).

- 9 A escolha do lugar para a realização de um *slam* envolve intenções de ocupação espacial com finalidades políticas e identitárias. Analisando a evolução dos costumes urbanos em relação aos lugares físicos (abertos ou fechados) e, por consequência, sociais, em que se deram as performances poéticas ao longo do tempo na Europa, diz-nos Zumthor (1997:163) que “a imagem do espaço real onde se desenvolveria a performance se integrava ao projeto poético”. E a rua, afirma o autor, foi e tem sido utilizada “não fortuitamente, nem sempre por faltar um teto, mas em virtude de um projeto integrado a uma forma de arte” (*idem*: 162).
- 10 Passei então a procurar uma oportunidade de observar uma batalha que acontecesse em um local aberto. Neste segundo ano da pesquisa, porém, o número de grupos havia diminuído em Salvador (eram seis no primeiro ano), e o único que consistentemente seguiu promovendo batalhas foi o Slam da Onça. Meu olhar voltou-se, então, para um *slam* de Camaçari², região metropolitana de Salvador: o Slam das Mulé – organizado por mulheres e em que só mulheres podiam se inscrever –, e que acontecia num local aberto, a Praça Abrantes. Mesmo Camaçari não estando na área que havia delimitado como campo - a cidade de Salvador - eu fui até lá movida pelo interesse de estudo que despertara a respeito das configurações espaciais do *slam*.
- 11 Neste dia, um sábado, 18 de agosto, cheguei à praça, que fica no centro da cidade, perto das 15 horas, horário programado para o início do evento. Naquele momento já havia som e muitas pessoas espalhavam-se, sentadas nas arquibancadas ou praticando esportes. A praça é bastante ampla e a área em que as meninas produziam o evento era a quadra, espaço que compartilhavam com rapazes que andavam de skate e jogavam basquete. Fora da quadra, de um dos lados, encontra-se a arquibancada. Nela as pessoas sentavam-se em duplas, grupos ou às vezes sozinhas, mas havia muita movimentação e me pareceu que grande parte dos que estavam ali se conheciam. Em uma mureta próxima à arquibancada está grafitado “Slam das Mulé” e em um de seus degraus está escrito, em cor vermelha, “Arte em movimento”, expressões que indicam uma demarcação daquele espaço. Próximo da quadra há ainda uma pista de skate e de patins vertical. Do outro lado da quadra fica uma avenida movimentada, com um ponto de ônibus, comércio e uma barraca de lanches. Logo minhas impressões se voltaram aos tipos humanos que transitavam ou permaneciam por ali. Anotei:

Os meninos estavam separados das meninas, jogando basquete e andando de skate, enquanto as meninas organizavam o evento. Havia um só homem na organização, auxiliando com a aparelhagem de som. Havia uma mistura maior apenas na arquibancada. À medida que foi anoitecendo o campo ficou cada vez mais

homogêneo e as poucas pessoas que não pareciam “pertencer” àquele mundo – usando o mesmo tipo de roupa e com mesmo tipo de postura – apenas orbitavam o espaço.

Há também um ponto de mototáxis muito próximo de onde estamos. Mas as pessoas que transitam ao redor da praça parecem passar sem dar muita atenção. De onde estou, na arquibancada, vejo em frente a quadra. As meninas no canto mais à esquerda, com a aparelhagem de som e uma mesa com uma caixa térmica onde vendem bebidas. Os meninos espalhados em todo o resto do espaço, jogando bola e andando de skate. Para além da quadra, vejo a avenida, com ônibus passando. E o ponto de ônibus logo em frente, que parece destoar do que vejo aqui. Pessoas “comuns”, cuidando de seus afazeres. Em dado momento vejo um grupo de ciganas que aguarda o ônibus (Trechos do caderno de campo – 18/08/2018). (Gama 2019:206).

- 12 Faço notar nesta narrativa a existência dos “nichos” no cenário: as meninas do *slam*, os meninos praticando esportes, as pessoas que apenas orbitavam, as que esperam o ônibus do outro lado aparentemente destoando do que se passa na quadra – e que denominei de “pessoas comuns” – e, enfim, o grupo de ciganas. São observações importantes vez que:

Cada contexto é um *palco* e cada palco tem um suporte material (uma casa, por exemplo); um *script*, ou texto de ação (o trabalho, o lazer, a festa) que orienta os atores na sua *performance*. Tem lugares valorados – masculinos ou femininos, adultos ou infantis, íntimos ou expostos. Para que a cena tenha êxito (reconhecimento social) é necessária a habilidade de estar no lugar certo, à hora combinada, fazendo a coisa pertinente, de maneira apropriada e correta. As práticas do cotidiano têm objetivos funcionais e instrumentais imediatos. Além deste, no entanto, possuem um caráter performativo. Vale dizer: a prática do espaço cria os lugares e os valores que são caros à comunidade do praticante. Por isso as práticas de apropriação constituem uma estratégia privilegiada para o registro e a interpretação de qualquer realidade social, sempre que se trata de estudá-la no terreno (Mello et Vogel [2002?]: 5, grifos dos autores).

- 13 Fiz outros registros na tentativa de entender se pessoas “comuns” estariam participando do evento ou interessadas nele, ou apenas coexistindo no cenário.

Dei uma volta e vi um homem maltrapilho dormindo sobre um banco de cimento, um pouco depois da quadra, na direção do ponto de mototáxis. Mais tarde o vi passar direto pela quadra e ir embora.

Há também uma varredora limpando a praça. Uma senhora que para e brinca com o nenê de uma vendedora de artigos de artesanato – que fala em espanhol e está com seu companheiro, que é brasileiro. Eles também parecem fazer parte daquele contexto e conhecer as pessoas (Trechos do caderno de campo – 18/08/2018). (Gama 2019:207).

- 14 Esta é uma questão que já tem sido debatida no círculo das batalhas. Rogério Coelho, organizador e pesquisador de *saraus* e *slams* em Belo Horizonte, comenta:

[...] muitos espaços autogestionados têm tido dificuldades com o slam e os *saraus*. Eu acredito muito quando eles acontecem não só para as pessoas que costuma (*sic*) ir [...]. Quando isso é identificado, o *resto da população* fala ‘isso não é para mim’. Não é democrático, cria-se o que a Cidinha da Silva³ chama de ‘mais uma igreja’ de poetazinhos bonitinhos (Coelho 2017: 295, grifo meu).

- 15 Trazendo o assunto para Salvador, Kuma também falou sobre o tema, quando o entrevistei:

[...] a gente precisa parar de falar pra nós mesmos, falar pra quem já sabe, a gente ‘tá recitando poesia pra quem já sabe a nossa poesia, a gente ‘tá falando de revolta pra quem já está totalmente revoltado. Né? Então a gente ‘tá levando a luz onde já ‘tá

iluminado e onde tá escuro ninguém 'tá fazendo questão de sair da sua zona de conforto e ir pra lá (Trecho de entrevista – 18/11/2018 – Ênfase minha). (Gama 2019:208).

- 16 Em Camaçari, o que eu notava era que pessoas alheias ao evento não paravam para observar e participar (ao menos não naquele episódio). O que me fez refletir que não pelo fato de acontecer em um espaço aberto o *slam* torna-se mais “público”: ele terá um apelo maior ou menor a partir do modo com que ele é orquestrado “no-lugar”. Tecendo comparações, trago impressões de um *slam* a que assisti no primeiro ano da pesquisa, no Slam das Minas (no bairro do Cabula, periferia de Salvador). Nele percebi uma interação maior entre os que participavam do evento e os que passavam por lá, porque palco e público estavam em um mesmo plano dos passantes, de certa forma interferindo no trânsito das pessoas. Já no Slam das Mulé o palco estava no canto de uma quadra e para chegar ali seria necessário adentrar alguns espaços: a própria praça, que naquela área parecia estar ocupada por uma determinada tribo urbana representada pelo skate, o basquete e o hip-hop (identificada com um determinado estilo de vida, muitas vezes estigmatizado), e depois a quadra, que demarcava o lugar de quem estava organizando o evento e detinha, ali, certos níveis de poder. Como registei:

No Slam das Minas tratava-se de uma praça menor, parte do trajeto de muitas pessoas que passam por ali no sábado à tarde, elas atravessavam a praça para ir para casa, ou aos bares ao redor... e poderiam parar para assistir à roda de capoeira que se desenrolava ali, a movimentação do *slam*... elas não precisavam adentrar a praça para assistir as performances, elas já estavam dentro.

(No Slam das Mulé) De fato, o público não entrava na quadra. Permanecia na arquibancada. Apenas desceram algumas pessoas quando se fez a roda de conversa sobre o tema LGBTQ+, e também grupos participaram da roda de *freestyle*⁴, muito animados, e da oficina de dança contemporânea (Trechos do caderno de campo – 18/08/2018). (Gama 2019:209).

- 17 Daí a noção de que o *slam* é operado no-espaço, no entretecer do cenário físico em que ocorre e sua configuração espacial, territorial e nos usos que as pessoas – participantes ou não das batalhas – fazem deste cenário, dentro ou fora dos momentos do *slam*.
- 18 Refletindo sobre espaços, outra noção que pude reconfigurar a partir da visita ao Slam das Mulé foi a de periferia, fortemente ligada aos locais de acontecimento dos *slams*. Kuma, na conversa que tivemos, comentou sobre essa territorialidade:

Essa é a grande diferença do *slam* daqui e do *slam* dos Estados Unidos, e qualquer outro também. Tipo... A gente viajou agora pro Rio Grande do Sul, e a gente foi pra fronteira, né, Brasil com Uruguai, e tem o *slam* lá que é fechado, e 'tava tendo seleção pro Slam BR⁵, e o que que acontece, foram 3 dias de seletiva e a final, e cada 3 dias você comprava um ingresso, se você quisesse ver, e a final era mais cara. Coisas que aqui não acontece. Então, a grande diferença daqui pro resto do mundo é essa exclusividade da periferia, de ser acessível a todo mundo (Trecho de Entrevista – 18/11/2018). (Gama 2019: 210).

- 19 A Praça Abrantes, onde acontece o Slam das Mulé, fica no centro da cidade. Mas o *slam* acontece em uma pequena parte dela. Visualmente, eu havia notado que a outra parte é bem cuidada, provida de banquinhos, quiosques de lanches, chafariz. A área em que estávamos não dispunha destes equipamentos, embora também me parecesse bonita e agradável. Naquela tarde, a conversa com um rapaz que se aproximou, notando que eu era uma pessoa estranha àquele espaço, acabaria por contribuir para entendê-lo. Ele me explicou que o outro lado da praça recebe incentivos do poder público e que este em que estávamos é esquecido, pois há, segundo ele, a pretensão da prefeitura de transformá-lo em estacionamento. Esta área fica sendo ocupada pela juventude

underground, que sofre com a estigmatização. Pode-se considerar, assim, que o *slam* acontece em uma área periferizada no centro.

Disse que aquele lado da praça é “feio” mas que ali tem respeito. Eu disse que ali não era feio, me referindo aos vários grafites que enfeitam a pista de skate que estava muito perto de onde estávamos. Ele afirmou que só existia aquilo porque eles faziam mutirão pra pintar. Ali é um ponto de encontro, segundo ele. Todos se conhecem. O que realmente parece ser, já que enquanto conversávamos vários rapazes vieram cumprimentá-lo e perguntar se ele ia ao show Tributo a Raul que ia haver depois em outro lugar, e ao qual me pareceu que grande parte das pessoas ali também iria.

Assim, eles – ocupantes da praça – tentam protegê-la e conservá-la, inclusive orientando forasteiros como eu a tomar cuidado em determinadas partes e horários, para que não aconteça nada que possa dar motivo para que falem dali... (Trechos do caderno de campo – 18/08/2018). (Gama 2019:210).

- 20 O cuidado com a praça como um patrimônio do grupo remeteu-me à postagem que o Slam das Mulé publicara em julho de 2018, tratando o *slam*, também, como algo a ser defendido por elas:

Manas, precisamos trocar uma ideia! O Slam é um evento feito por e para mulheres, com o intuito de conhecer a arte uma das outras. Visamos, essencialmente, expor o trabalho e o talento das poetisas da nossa cidade! Todo o evento gira entorno (*sic*) da Batalha de Poesia, que é o nosso principal foco. O evento foi criado para abrir um espaço que, até então, era dominado por homens. Mas, infelizmente, não podemos continuar com o Slam se não temos meninas para batalhar. Temos total consciência de que Camaçari está lotada de poetisas sensacionais! Esse evento é feito para vocês e é por isso que insistimos em fazê-lo. Mas se não tiver meninas para batalhar, nos sentimos forçadas a acabar com o Slam. Então, está lançada aqui a pré-inscrição para a Batalha de Poesia da 5ª edição do Slam das Mulé. Se não houver inscrições, o evento será cancelado⁶.

- 21 Neste dia, a batalha de poesias acabou não acontecendo porque as meninas que se inscreveram, segundo a organizadora, não compareceram e ninguém se inscreveu presencialmente. Mas o evento contou, até o cair da noite, com as outras atrações. O Slam das Mulé teve outras edições naquele ano mas eu não retornei, por estar fora do recorte da pesquisa e pelas dificuldades de permanecer lá para realizar novas observações. Mas um acontecimento ainda iria enriquecer minha visita apesar de não ter vivenciado a batalha propriamente dita.
- 22 As organizadoras aguardavam a chegada de inscritas, os grupos conversavam, havia música e eu dialogava com o rapaz que sentara a meu lado. Já anoitecera quando, então, começou a chover e todos correram dali para se abrigar. Atravessamos uma rua e fugimos para debaixo de uma marquise, espaço que já estava quase lotado, mas nos cederam espaço. Então, como registrei no caderno de campo:

Ali ficamos por algum tempo. Aos poucos foi parando a chuva, algumas pessoas foram deixando a marquise. De repente – eu não vi o motivo – uma moça começou a cantar, uma canção que logo reconheci – Rodo Cotidiano, da banda O Rappa. Quem ainda estava ali parou pra ouvir – uma voz macia e potente surgindo de uma calçada qualquer debaixo de uma marquise onde apenas havíamos ido nos proteger da chuva, só esperávamos vê-la passar... Longe da quadra, do palco “principal” do evento, essa moça fez da calçada seu palco e irrompia com versos cortantes o “cotidiano”, nos fazendo interromper-nos para assisti-la. Não apenas sua voz era maravilhosa, ela ali mesmo construiu uma performance, cantando para nós e para a rua vazia, como se vislumbrasse ali um público. (...). Eu sorria, o rapaz ao lado dela olhava para a gente acenando com a cabeça dizendo “sim” (exatamente como nos *slams*) (Trecho do caderno de campo – 18/08/2018). (Gama 2019:213).

23 A letra diz:

[...] É / A ideia lá / Corria solta / Subia a manga / Amarrotada social / No calor alumínio / Nem caneta, nem papel / Uma ideia fugia / Era o rodo cotidiano / Era o rodo cotidiano / Espaço é curto / Quase um curral / Na mochila amassada / Uma quentinha abafada / Meu troco é pouco / É quase nada / Meu troco é pouco / É quase nada / Não se anda / por onde encosta / Mas por aqui não tem jeito / *Todo mundo se encosta* / Ela some é lá no ralo / De gente / *Ela é linda, mas não tem nome* / É comum e é normal / Sou mais um no Brasil da Central / Da minhoca de metal / Que corta as ruas / Da minhoca de metal / Como um Concord apressado / Cheio de força / Que voa, voa mais pesado que o ar / E o avião, o avião, o avião do trabalhador...⁷ (Ênfases minhas).

- 24 Como na canção, a moça sem nome irrompeu com sua performance, sem prévia inscrição, sem caneta e sem papel, sob o teto improvisado em que tivemos de nos apertar e encostar como num súbito vagão. Assim, apesar de a batalha de poesias não ter acontecido (o enfrentamento de poetas) o *slam*, de outros modos, aconteceu. Lá estavam as organizadoras, o público, os passantes, as outras atrações. A falta de inscritos, afinal, faz parte do contexto da performance. Como a breve apresentação musical inesperada, motivada pela chuva que nos dispersou (ou uniu). Como a visita não prevista, fruto de uma inquietação, que gerou reflexões importantes para pensar o espaço, parte fundamental do *slam*. Na pesquisa, como na performance, pouca coisa é previsível e tudo pode acontecer.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. 2006. "Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social". *Ilha: Revista de antropologia*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 8, n. 1,2: 185-229. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18230>. Acesso em 29 mar. 2019.
- COELHO, Rogerio. 2017. "À voz, à luta: uma entrevista com Rogério Coelho". [Entrevista concedida a] SILVA, Douglas; BICALHO, Gustavo. Em *Tese*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 286-296, jan.-abr. 2017. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/13276>. Acesso em 01 abr. 2019.
- GAMA, Danielle M. H. L. da. 2019. *A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias de Salvador/BA*. Cachoeira: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFRB. 250 p.
- GEERTZ, Clifford. 2008. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- HOLMAN, Bob. 2000. "The room". In: Glazner, Gary M. *Poetry Slam: The competitive art of performance poetry*. San Francisco: Manic D Press, 2000. *Ebook*.
- MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. [2002?]. "Lições da Rua (ou Quando a Rua vira Casa): Algumas considerações sobre *habito* e *diligo* no meio urbano". Biblioteca virtual do Laboratório de Etnografia Metropolitana da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <http://lemetro.ifcs.ufrj.br/licoes_da_rua.pdf>. Acesso em 01 abr. 2019.

TURNER, Victor. 2008. Drama, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da UFF. Disponível em: Acesso em 21 abr. 2020.

ZUMTHOR, Paul. 1997. Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/351523343/Paul-Zumthor-Introducao-a-poesia-oral-pdf>>. Acesso em 02 abr. 2019.

NOTAS

1. Palestra “Literatura das Bordas – Todas as palavras em evidência”, realizada no espaço Caixa Cultural em Salvador, março de 2018.
2. Município de vocação industrial, com cerca de 240 mil habitantes, segundo Censo IBGE de 2010, a cerca de 50 km do centro de Salvador. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/camacari/panorama>. Acesso em 16 mar. 2019.
3. Segundo nota dos autores, blogueira, contista, cronista e poeta de Belo Horizonte.
4. Batalha de improviso de rimas em cima de batidas de rap.
5. Campeonato nacional de poesia falada.
6. Disponível em: https://www.facebook.com/Slamdasmule/posts/2172640092955906?__tn__=R. Acesso em 06 abr. 2019.
7. A música faz parte do álbum “O Silêncio que precede o esporro”, lançado em 2003.

RESUMOS

Slams são batalhas de poesia autoral em que, dentro de 3 minutos e utilizando apenas corpo e voz, sem acompanhamento musical ou adereços, poetas (*slammers*) apresentam seus textos, que são julgados por jurados escolhidos pelos organizadores dentre a plateia. Durante o mestrado em Ciências Sociais, acompanhei *slams* na cidade de Salvador, Bahia, onde as temáticas mais frequentes se referem às opressões vividas em comunidades periféricas, de maioria negra, na capital. Este relato trata de uma incursão realizada ao Slam das Mulé, em Camaçari (região metropolitana de Salvador), inicialmente não prevista, já que Camaçari não fazia parte do corpus escolhido para análise. A batalha neste dia acabou não acontecendo, por falta de poetisas inscritas, mas a visita ao evento provocou reflexões que foram essenciais para pensar o *slam*, quanto a seus espaços e contingências.

Slams are poetry battles in which, within 3 minutes and using only body and voice, with no musical accompaniment or props, poets (*slammers*) shall present their texts, to be rated by judges chosen by the organizers among the present public. During the master studies in Social Sciences, I attended slams in the city of Salvador, Bahia, where the most frequent themes refer to oppressions lived by peripheral communities, of black majority, in the capital. This report approaches an incursion to the Slam das Mulé [Women's Slam], in the city of Camaçari (Salvador metropolitan region), initially not foresaw, as Camaçari did not make part of the corpus chosen for analysis. That day, the battle did not happen, due to the lack of poets inscribed, but the visit

to the event has triggered important reflections that were essential to think about slam, in what concerns to their spaces and contingences.

ÍNDICE

Palavras-chave: slams, batalhas de poesia, estudos de performance, Salvador, lugar

Keywords: slams, poetry battles, performance studies, Salvador, place

AUTOR

DANIELLE M. H. L. DA GAMA

Mestre em Ciências Sociais (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB), Bacharel em Comunicação Social (Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ). E-mail: dani.dagama@hotmail.com